

DISCURSO DA IDENTIDADE SERGIPANA E NORDESTINA NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2018 AO GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

DISCOURSE ABOUT THE SERGIPAN AND NORTHEASTERN IDENTITY IN THE 2018 ELECTORAL CAMPAIGN FOR THE GOVERNMENT OF THE STATE OF SERGIPE

Fabio Elias Verdiani Tfouni ¹

Julia Renata Pereira ²

Resumo: *Através dos princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux, numa interface com a psicanálise, o presente artigo tem como objetivo analisar as campanhas de Belivaldo Chagas e Valadares Filho, os dois candidatos que concorreram ao governo de Sergipe no segundo turno das eleições de 2018, mais buscando compreender o imaginário discursivo presente no corpus acerca dos candidatos bem como o papel desempenhado pelos mecanismos de identificação e da construção da identidade. O corpus foi constituído por 3 posts no perfil do Instagram de cada candidato. Concluímos que os sujeitos se identificam com uma formação discursiva da sergipanidade e da nordestinidade, na qual se constroem suas identidades.. Assim, a filiação a esse discurso comparece na superfície linguística através de traços (idealizados) de identificação dos sujeitos com a sergipanidade e a nordestinidade, o que pode predispor os eleitores a favor (ou contra) os candidatos.*

Palavras-chave: *identidade; identificação; eleições; Sergipe; Nordeste.*

Abstract: *Through the theoretical-methodological principles of Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux, in an interface with psychoanalysis, this article aims to analyze the campaigns of Belivaldo Chagas and Valadares Filho, the two candidates who ran for the government of Sergipe in the second round of the 2018 elections, seeking to understand the imaginary present in the corpus about the candidates as well as the role played by the mechanisms of identification and identity construction. The corpus consisted of 3 posts on the Instagram profile of each candidate. We conclude that the subjects identify themselves with a discursive formation of*

¹ Possui doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Pós-doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP com bolsa FAPESP (2010). Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE (2018-1019). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Membro permanente do Programa de Pós-Graduação da Universidade federal de Sergipe (UFS).

² Acadêmica do curso de Letras-português da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho. Voluntária no PIBIC 2020-2021 na área de Literatura Latino-americana com a temática Corporalidades em obras de autoria feminina, e como bolsista no Residência Pedagógica (RP) 2020-2021.

sergipanity and northeasternity, in which their identities are constructed. Thus, the affiliation to this discourse appears on the linguistic surface through (idealized) traces of identification of the subjects with sergipanity and the northeast, which may predispose voters in favor (or against) candidates.

Keywords: *identity; identification; elections; Sergipe; Northeast.*

Introdução e referencial teórico

Usaremos neste artigo os princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso (doravante AD) fundada por Michel Pêcheux, numa interface com a psicanálise, com o objetivo de analisar as campanhas de Belivaldo Chagas e Valadares Filho, os dois candidatos que concorreram ao governo de Sergipe no segundo turno das eleições de 2018, mais especificamente buscando compreender o imaginário discursivo (as formações imaginárias detalhadas por Pêcheux) presente no *corpus* acerca dos candidatos e, de que forma os mecanismos de identificação contribuem para a construção desse imaginário. Pretendemos incluir nessa análise a questão da identidade. Observamos que usamos aqui identificação e identidade no sentido de processo e produto (respectivamente, tal como estabelecido por Courtine (1999)). A decisão por trabalhar com esse conceito ocorreu depois a leitura de Soler (2018) por que julgamos que o trabalho com as identificações é um caminho possível para se chegar ao tratamento da questão da identidade sem incorrer nas dificuldades de um sociologismo ou psicologismo. Afirma Soler: “Certamente a palavra em voga na psicanálise é identificação, mas qual é a função ou visada de uma identificação, seja ela qual for, se não para assegurar a identidade?”. (Soler, 2018, p. 15). Também vale a pena lembrar que conforme Orlandi (XXX) a AD é uma disciplina de entremeio entre o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística. Enquanto disciplina de entremeio, a AD se apropria dos conceitos desses campos teóricos ao mesmo tempo em que os critica. Por ex: se apropria da linguística mas ao mesmo tempo critica o fato de essa disciplina excluir a história e o sujeito. Se apropria das ciências sociais mas critica o trabalho com a linguagem nesse campo, que toma a linguagem como transparente. Além disso, a AD ao se apropriar dos conceitos não realiza uma mera incorporação de conceitos de outros campos *ipsis literis*, ela o faz deslocando os conceitos para seu campo. A linguística por exemplo trabalha a noção de sistema linguístico. A Ad leva em conta a sintaxe e o real da língua, mas prefere trabalhar com a ideia de sistemacidade no lugar de sistema.

O *corpus* é constituído por 3 posts de cada candidato no Instagram sobre os quais foram efetuados recortes que funcionam como sequências discursivas de referência (SDR). A escolha do Instagram se deve ao reduzido período de campanha na Televisão e no rádio, e também à pouca disponibilidade de materiais de propaganda impressos distribuídos nas ruas durante o período eleitoral. Mais importante ainda é a tendência crescente de realização das campanhas eleitorais pela internet e pelas redes sociais nos últimos anos, tanto no Brasil como no mundo.

Na análise do *corpus* existe um ponto de contato entre questões da cultura (alimentação, linguagem) e da política; assim, a análise pode ser tomada como uma interface entre áreas afins. Também existe aproximação entre a AD e a sociolinguística, no tratamento da identidade linguística.

No Instagram dos candidatos, existe uma dispersão em relação aos temas e foco de ambas as campanhas que tratam, por exemplo, de políticas voltadas às mulheres, aos idosos, à educação, à saúde e etc.. Nosso objetivo específico é analisar o imaginário sobre os candidatos e a questão da identificação/identidade com o Estado de Sergipe e com o Nordeste, com o que

se denomina *sergipanidade* e *nordestinidade* e com todas as coisas sergipanas e nordestinas. Esse aspecto serviu como guia na coleta do *corpus*, dando uma homogeneidade discursiva ao *corpus* analisado.

A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação. (ORLANDI, 2001, p. 64)

Podemos pensar na sergipanidade e na nordestinidade como sentimentos de pertencimento a um lugar, a uma coletividade, a um grupo e a uma cultura em estreita relação com a questão da identificação e da identidade. No trabalho de Azevedo, Techio e Lima (2012) percebemos que tem sido uma tradição dos políticos locais se referirem à sergipanidade, de modo que “Todas essas manifestações parecem indicar que existe algo chamado “sergipanidade”, ao menos nas práticas discursivas de personagens sociais”. (2012, p. 26).

Nosso objetivo não é caracterizar a sergipanidade ou a nordestinidade, mas compreender como essa nomeação é resultado de um sentimento de pertencimento e comparece nas campanhas dos candidatos em relação à imagem e ao efeito de identidade e identificação construídos nas campanhas.

No mesmo estudo, Azevedo, Techio e Lima comentam o uso da sergipanidade no discurso de políticos locais. Isso mostra a importância que o imaginário sobre essa questão pode ter campanhas eleitorais:

Ao visitar as obras do Museu da Gente Sergipana, o governador do Estado, Marcelo Déda, afirmou “é um museu da sergipanidade”. No Furró Caju de 2011 o prefeito de Aracaju, capital de Sergipe, Edvaldo Nogueira, criou uma “noite da sergipanidade”. Quando candidato ao governo de Sergipe em 2002, o ex-governador João Alves Filho apostou “na campanha em defesa da sergipanidade” para atingir o seu concorrente a senador José Eduardo Dutra, um mineiro naturalizado sergipano. (AZEVEDO, TECHIO e LIMA 2012, p. 26)

Através das ferramentas de busca na internet, encontramos facilmente uma variedade de resultados para os termos *sergipanidade* e *nordestinidade* como filmes, vídeos, matérias diversas e, mais importante, trabalhos e artigos científicos, o que significa que esses temas são sólidos o suficiente para se tornarem objeto de interesse acadêmico.

A fim de ilustrar a presença do tema nordestinidade como objeto de estudos acadêmicos, trazemos o trabalho de Silveira (2014, p. 138) afirmando que: “As imagens da nordestinidade apresentadas pelas obras analisadas não se afastam dos elementos associados à pobreza, ao conflito, à ruralidade, à falta de saneamento básico nos espaços habitados pelos nordestinos”.

Como pretendemos analisar as questões do imaginário e das identificações sobre esses termos, podemos afirmar que a questão das relações imaginárias é importante na AD. Nas SDRs aqui analisadas, são essas imagens que são postas em jogo, na medida em que enunciador e enunciatário não são tomados empiricamente como corpos no mundo, mas como posições

imaginárias dentro de um processo discursivo. Sobre os lugares de onde se enuncia, afirma Pêcheux:

Nossa hipótese é a de que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que *o lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado*; em outros termos o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX [1969], 1997, p. 82)

Trata-se então da importância do imaginário no discurso, no sentido de que o imaginário possui eficácia, e por isso produz resultados reais. Por isso, a AD não relega ao imaginário um papel de menor importância, em relação ao real e ao simbólico.

Althusser (1999, p. 126) afirma que “a ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. Acreditamos que, uma das maneiras de trabalhar a afirmação de Althusser é justamente destacar o funcionamento do imaginário, e ao mesmo tempo, colocar esse imaginário em relação a um real. Fazemos notar que real, simbólico e imaginário são os três registros do psiquismo, e foram representados por Lacan (ver Clavurier 2013) através da figura do nó borromeu (ou borromeano)

Sobre a identificação, podemos afirmar que Pêcheux formulou 3 “modalidades” do processo de identificação: a) a identificação b) a contraidentificação e c) a desidentificação. Sobre a identificação, Pêcheux afirma:

A primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito (em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos em plena liberdade (1995, p. 215)

Embora a formação discursiva seja uma regionalização do Interdiscurso que “determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica”, a relação entre identificação e formação discursiva é mais forte, pois o sujeito se inscreve inconscientemente, em função da interpelação ideológica, na formação discursiva à qual se identifica, como afirma Pêcheux: “A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995, p. 214). Assim, é da formação discursiva que o sujeito recupera o seu dizer, e não diretamente do interdiscurso. Ou seja: nem tudo do interdiscurso está disponível ao sujeito, na medida em que “formações discursivas [...] determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura.” (Pêcheux e Fuchs, 1993, p. 166). Talvez não seja excessivo trazer aqui as noções de esquecimento 1 e 2, descritas por Pêcheux, sendo o número 1 o esquecimento ideológico,

que atua no interdiscurso, sem que o sujeito dele tenha consciência, e o número 2 o esquecimento semi-consciente, relativo à fórmula “sempre que se diz x, deixa-se de dizer y”.

Na psicanálise, a identificação é processo de estruturação do sujeito, que se dá pela apropriação ou assimilação de características do outro, que o sujeito considera desejáveis. É a partir daí que se estrutura o Ideal de eu, conceito Freudiano (2011) e lacaniano (ver EIDELSZTEIN, 2017) que explica psicanaliticamente a instância psíquica pela qual o social se instala no sujeito.

Então, podemos fazer a aposta que os processos de identificação-assujeitamento ideológico possuem uma relação forte com o Ideal de eu. Para nós isso significa que podemos relacionar as três formas de identificação propostas por Pêcheux com o Ideal do eu. Para Silveira, essa instância psíquica consiste na “porta de entrada do social e da ideologia no aparelho psíquico” (SILVEIRA, 2010, p. 170)

Análises:

Passamos a analisar as 3 propagandas postadas no Instagram do candidato Belivaldo:

Recorte 1



(Imagem 01)

Data da publicação: 09/10/2018

FONTE: INSTAGRAM, 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BouAcYFITPh/>

SD1 - “EU VOTO NO CABRA DA PESTE”.

Na SD1, temos “CABRA DA PESTE” em letras maiúsculas. Essa é uma expressão nordestina estratificada na língua como catacrese. Existe mais de uma versão para a origem da expressão, que até hoje possui duplo sentido. “Em geral, é usada para designar o sujeito destemido, mas também pode ser dita em tom de ofensa, quando a valentia vira prepotência (<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-expressao-cabra-da-pestes/>).

O “EU VOTO” permite ao leitor se colocar no lugar daquele que vota, pois como afirma Benveniste (1991), os pronomes são vazios, seu sentido é instaurado no momento da enunciação (no caso, da leitura). Isso reforça o apelo do enunciado e tem o efeito de capturar o sujeito, colocando-o no lugar de quem enuncia. Como afirmamos acima, a expressão “cabra da peste” pode referir-se à imagem de uma pessoa rústica e autoritária, que não aceita contradições às suas ideias e que poderia até abusar do poder que lhe foi conferido. Nesse sentido, a metáfora do animal é aqui relevante, uma vez o apelo eleitoral desse imaginário se sustenta nos que o seguem, justamente na medida em que os seguidores poderiam vê-lo como aquele que rompe com a cultura e com o simbólico, encarnando imaginariamente o pai da Horda primitiva, como aponta Freud:

O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão (FREUD, 2012, p. 91).

Não é relevante indagar se o político em questão é de fato esse líder primitivo, mas sim que efeitos de sentido “cabra da peste” constrói.

O “cabra da Peste” reuniria um conjunto de traços de identidade considerados positivos, mas também negativos (como vimos acima) pela sociedade sergipana. Esses traços (força, valentia, autoritarismo) poderiam ser tomados em conjunto, como um ideal ao qual o grupo pode se identificar. Um ideal que está na linguagem, que é feito significante. Esses traços seriam desejáveis para um líder, de modo que o efeito obtido é o direcionar o olhar do (e)leitor a fim de que ele veja o candidato com bons olhos. Embora não possamos afirmar que “cabra da peste” seja o traço mais importante, aquele que é definidor do sujeito discursivo em questão, podemos sim dizer que é um traço no mínimo relevante na constituição do imaginário do eleitor.

Esse significante ideal é o que indica ao sujeito, muito cedo na sua vida, o que ele deve ser para responder aos critérios do amor do Outro. [...] aquilo que o sujeito tem de interiorizar é, em primeiro lugar, o olhar do Outro. Esse olhar do Outro é, depois, algo que faz signo ao sujeito sobre o modo em que o outro lhe olha: Com bons olhos ou maus olhos (NOMINÉ, 2018, p. 27).

RECORTE 2



(Imagem 02)

Data da publicação: 08/10/2018 – dia do nordestino

FONTE: INSTAGRAM, 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Borso7nFhES/>

SD2 - “CUSCUZ É MELHOR QUE CAVIAR - 8 DE OUTUBRO, DIA DO NORDESTINO. Que maneira melhor de representar o nordestino do que homenagear uma das suas comidas preferidas? Pra mim mesmo não tem nada melhor do que um cuscuz quentinho seja no café da manhã ou na janta. Pense numa coisa boa!”.

Na SD2, o tamanho da letra é um indício de que o dito merece destaque. O político faz uma homenagem ao dia do nordestino (a data aparece na imagem), dia seguinte ao primeiro turno. O foco é o nordestino, é ele que é “representado” é a imagem do nordestino que é topicalizada e valorizada (“coisa boa”). Por contiguidade, o candidato também é investido dessa essa valorização.

Como cuscuz é comida típica do povo nordestino, o enunciado “cuscuz é melhor que caviar” cria o efeito de proximidade entre o candidato Belivaldo e o povo sergipano. Novamente, o imaginário aqui é o de que o político é alguém do povo. Ele é um nordestino comum que come cuscuz quentinho “seja no café da manhã ou na janta”. Cuscuz é uma comida típica e popular e se contrapõe ao caviar, que não é popular, é da elite.

Faz parte do saber regional que gostar de cuscuz é um traço característico do nordestino e do sergipano. Nesse sentido, seria inclusive imperativo que o candidato mostre que tem esse gosto. Ou seja, podemos pensar que ele precisa dar ao olhar julgador do outro essa visão, para que ele seja visto com bons olhos.

Indo além na análise, notamos que o nordeste é trazido aqui através de um alimento. Diríamos que é uma característica do nordestino gostar de cuscuz. Comer cuscuz seria uma forma de incorporar a nordestinidade ou sergipanidade. Podemos dizer que o cuscuz possui essa característica, que é absorvida por quem o come. Esse mecanismo é descrito por Freud em

Totem e Tabu. Trata-se daquilo que a literatura psicanalítica denomina identificação primitiva, na qual “o Eu quer ser, quer assimilar o objeto que ama”. (Nominé, 2018, p. 24).

Sobre essa função de “auto-observação e consciência moral”, podemos recorrer à psicanálise e dizer que em Freud o Ideal de Eu é frequentemente confundido com o superego. Essas duas instâncias são bastante próximas e ambas se estruturam no final do complexo de Édipo. Diríamos que a consciência moral seria uma função do superego, mas isso tem uma forte ligação com o os ideais do sujeito, com aquilo que ele interiorizou como bom ou mau, como positivo ou negativo.

A propósito desse final do Édipo, Freud se refere a dois herdeiros do “complexo”: o superego e o ideal do eu. Como um pai que, às vezes, confunde o nome de seus muitos filhos, Freud nem sempre discriminou, com a clareza que teria sido necessária, esses dois herdeiros do complexo de Édipo. No entanto, essa confusão quanto aos nomes não impediu que tivesse indicado os efeitos produzidos por essa herança no aparelho psíquico: a relação do sujeito com a lei; com uma lei insana, a do superego e com a lei da cultura e da sociedade, que é a função da instância do ideal do eu (Silveira, 2010, p. 177).

Nas sociedades primitivas, a prática do canibalismo é uma forma de adquirir as características daquele que é ingerido. Por exemplo, ao devorar um guerreiro de outra tribo, um indivíduo pode adquirir a força desse guerreiro, remetendo ao ritual do repasto canibalesco do mito do pai primevo no qual “cada um dos irmãos que se tinham agrupado com o propósito de matar o pai estava inspirado pelo desejo de tornar-se semelhante a ele e dera expressão ao mesmo incorporando partes do representante paterno na refeição totêmica” (FREUD, 2012, p. 106).

Para Freud, esse mecanismo não é restrito às sociedades primitivas, mas subsiste hoje na sociedade moderna. Um exemplo seria a eucaristia, com a hóstia e o vinho na missa cristã, os quais seriam substitutos do cristo, nessa substituição moderna da refeição totêmica:

Como sinal desta substituição, é reavivada a antiga refeição totêmica, na forma de comunhão, em que os irmãos provam a carne e o sangue do filho, não mais do pai, dessa maneira se santificando e se identificando com ele. Nossa visão acompanhou, através dos tempos, a identidade da refeição totêmica com o sacrifício animal, com o sacrifício humano teantrópico e com a eucaristia... (FREUD, 2012, p. 235)

A análise do discurso também trabalha com o conceito de paráfrase, sendo caviar uma paráfrase de cuscuz. Aqui, a substituição (no eixo paradigmático) é explícita, não fica no nível do não dito. Troca-se “caviar” por “cuscuz”, por isso podemos dizer que existe também um efeito metafórico, um deslizamento dos sentidos, em favor de algo genuinamente nordestino.

Recorte 3



(Imagem 03)

<https://www.instagram.com/p/BoRHMpTFW67/>

SD3 - É apaixonado por milho – Belivas Raiz

Nas imagens 2 e 3 temos o chapéu de cangaceiro: um traço que identifica o nordestino. A imagem projetada aqui é de sujeito típica e genuinamente nordestino, local, do povo. Esse tipo de recurso muitas vezes é usado em campanhas e é caracterizado como populismo. Diríamos, uma *mise-en-scène* para parecer popular sem necessariamente o ser. Nessa cena para o olhar julgador do outro, o sujeito aparece com um traço típico do nordestino.

Aqui, como na SD2, temos novamente temos a presença de um elemento típico da dieta nordestina, o milho. Por isso, também está presente aqui o mecanismo de identificação por incorporação: ao comer algo se se incorpora uma característica do objeto ingerido. No caso, ao comer milho (SD3) e cuscuz (SD2), o aspecto incorporado é a sergipanidade e a nordestinidade.

O significante “raiz”, produz o sentido de um sujeito originário, autêntico: sujeito que pode reclamar sua identidade como sendo genuinamente nordestina e sergipana, como seus potenciais eleitores.

O segundo conjunto de peças publicitárias que será ser analisado é do candidato Valadares Filho (PSB-40)

Recorte 4



(Imagem 04)
 Data da publicação: 08/10/2018 –dia do nordestino
<https://www.instagram.com/p/BosQKANDN7s/>

SD4- “BOM MESMO É CAJU, CUSCUZ, CARANGUEJO E O MEU OXENTE”.

Quando o candidato Valadares associa o significativo bom, em “bom mesmo é caju, cuscuz, caranguejo”, o efeito de sentido produzido é o de que as comidas típicas do povo sergipano são as melhores. Ao mesmo tempo, o enunciado idealiza e cultiva o pertencimento à região: enaltecendo a sergipanidade. A lista das coisas boas do Nordeste, e de Sergipe: caju, cuscuz, caranguejo, forma uma série parafrástica, onde cada item tem o mesmo valor positivo. E *oxente*, palavra de origem da região Nordeste é uma interjeição, utilizada para significar admiração, surpresa ou estranheza. E “o meu oxente” acentua referindo que a palavra “*oxente*” é a melhor palavra para expressar surpresa, admiração ou estranheza. Com esse discurso ele tenta, empaticamente, se aproximar do povo sergipano.

Há aqui uma manobra retórica que busca uma aproximação/identificação entre o eleitor e o candidato através da exaltação da comida popular nordestina e com a utilização da interjeição “oxente” para se aproximar do linguajar do povo sergipano. Quanto ao regionalismo Oxente, a sociolinguística propõe o conceito de “identidade linguística”, que consiste no uso de termos regionais, “palavra do povo”, com o objetivo de estabelecer identificação, e fazer com que o povo veja o candidato como “um de nós”.

Recorte 5



(Imagem 05)

Data da publicação: 24/10/2018 – dia da sergipanidade

<https://www.instagram.com/p/BpUliPPiup4/>

SD5 - “SABE TODO AQUELE AMOR E ORGULHO DE SER SERGIPANO? TÁ PERTINHO DE VOLTAR - Éee negócio bom esse de ser sergipano. É castanha, é caju, é caranguejo, é tanta coisa arretada. Tem muita coisa pra melhorar, né? Mas o orgulho de sermos nós mesmos tá pertinho de voltar, sergipanos! 24 de outubro. Dia da sergipanidade.”

A mesma manobra retórica do sujeito para criar o efeito de “sou igual” apontado acima ocorre aqui, também através da nomeação de comidas ou pratos típicos sergipanos. Nessa SD, o candidato Valadares está concorrendo como candidato de oposição. O sujeito enunciativo da SD realiza uma crítica ao governo da situação (Belivaldo) ao afirmar que “Tem muita coisa pra melhorar”. O povo sergipano teria perdido o seu orgulho, fruto da má administração. Com esse discurso, o imaginário projetado é o de que Valadares vai fazer com que o povo sergipano volte a sentir orgulho de seu Estado. O enunciado “Tá pertinho de voltar” pretende atualizar governos anteriores em que o mesmo partido estava no poder.

“Sabe todo aquele amor e orgulho de ser sergipano? Tá pertinho de voltar” pretende criar o efeito de identificação, através do significante sabe (Eu sei e você sabe). Não ter orgulho significa não poder idealizar, significa que se vê o governo da situação com maus olhos, e, para olhar positivamente para Sergipe e para o Governo, seria preciso uma mudança: votar em Valadares.

Considerações finais:

Considerando que a formação discursiva determina o que pode ou não ser dito a partir de uma posição dada e, que é nela que o sujeito realiza sua identificação e seu assujeitamento

(que são mecanismos inconscientes), então a discussão realizada indica que os sujeitos são conduzidos, pela ideologia, a se inscreverem em uma FD da sergipanidade e, por extensão, da nordestinidade, na qual se deve gostar de cuscuz, caranguejo, milho, caju; falar oxente; ter orgulho de Sergipe. Todas essas características ou traços formariam um imaginário dos candidatos como bons sujeitos, no sentido pêcheutiano. Em semântica e discurso (1995) Pêcheux trabalha o conceito de identificação a partir de três modalidades: a) identificação, modalidade na qual haveria um recobrimento total entre o sujeito da enunciação e o Sujeito universal, b) contraidentificação, na qual o sujeito permaneceria na formação discursiva, mas fazendo algumas críticas a ela; e c) desidentificação, na qual o sujeito mudaria de posição, filiando-se a outra FD. Grigoletto (2005) e Indursky (2011) também trabalham essas três modalidades.

Os candidatos se espelhariam então numa imagem abstrata de sujeito que não existe, mas que se reconstitui por suas características. Esse sujeito poderia ser o Sujeito Universal de Althusser (gravado com S maiúsculo), aquele que é o agente do assujeitamento. Coincidir com o Sujeito Universal e com a formação discursiva correspondente é o que caracteriza um bom sujeito nos termos de Pêcheux. Isso pode fazer com que os candidatos sejam vistos com bons olhos e dignos de amor pelos eleitores, que por seu turno também são tomados por essa discursividade.

Como é próprio dos discursos políticos, as SDs analisadas apontam como fundamental um encontro do eleitor consigo mesmo, com sua identidade, com sua sergipanidade, no processo eleitoral. Esse encontro consigo mesmo é fantasiado como uma promessa de felicidade que nem a política, nem a psicanálise nem a psicologia ou a medicina podem proporcionar, embora seja possível mitigar ao menos em parte o mal-estar, a felicidade é prometida através do esquecimento/-recalcamento de que uma dose de mal-estar é constitutiva da vida humana.

Referências:

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. (Org.): Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto. 1ª reimpressão, 1999.

AZEVEDO, Denio. S; TECHIO, Elza. M; LIMA, Marcus. E. O. Identidade regional e memória coletiva em Sergipe. Ponta de Lança, São Cristóvão, v.5, n. 10 abr. - out. 2012. <<https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3319/2927>> Acesso em 04/09/2019

BEINVENISTE, E. Problemas de linguística geral I. Campinas: Pontes. 1991. 3ª ed.

CLAVURIER, V. Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó. Estud. psicanal. no.39 Belo Horizonte jul. 2013

COURTINE, J. J. (1999). O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, Freda. (org.). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato.

EIDELSZTEIN, A. ideal (I) – eu (m) – ideal (i). In: O grafo de desejo. São Paulo: Toro editora. 2107.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos [1920-1923] (Obras completas volume 16). São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos [1912-1914] (Obras completas volume 11). São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

GRIGOLETTO, E. A noção de sujeito em Pêcheux: Uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. *Estudos da Linguagem*. No 1, Vitória da conquista, Jun. 2005, p. 61-67. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/978>>. Acesso em 10. out./2019.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: Roberto Leiser Baronas. *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Pedro & João Editores São Carlos, SP - 2011

NOMINÉ, Bernard. *Sobre identidade e identificações: conferências (2014-2015)*. São Paulo: Blucher, 2018.

PÊCHEUX, Michex. [1969]. *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61- 161.

_____. [1975] *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed., Tradução: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 163-252.

SILVEIRA, Paulo. A interpelação ideológica: a entrada em cena da outra cena. *A peste*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12080>>. Acesso em 04/jan/2019.

SILVEIRA, Manoela. F. *A reconfiguração da nordestinidade: imagens do Espaço nordeste em árido movie, 2000 nordestes e na trilogia do escritor Antônio Torres*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras: UFBA. 2014. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28339>>. Acesso em 05/09/2019.

SOLER, Colete. *Rumo à identidade*. São Paulo: Aller. 2018.

Artigo recebido em: 03/11/2020

Aprovação final: 22/04/2021

10.35501/dissol.vi13.735